

ROVIGHI, Sofia Vanni. **História da Filosofia Contemporânea**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

RUSS, Jaqueline. **Dicionário de filosofia**. São Paulo; Scipione, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. 11ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VERGEZ, André e DENIS, Huisman. **História dos filósofos**. Tradução de Lélia de Almeida Gonzalez. 5ª ed. Paris, França: Livraria Freitas Bastos S. A., 1982.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1991.

BOCHENSKI, I. M. **A Filosofia Contemporânea Ocidental**. 2ª ed., São Paulo: Herder, 1968.

CHATELET, François. (Org.). **História da Filosofia: o século XX**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995 (vol.4)

GALLO, Silvio (coord). **Ética e Cidadania: Caminhos da Filosofia**. 10ª ed., Campinas-SP: Papiros, 2002.

<http://www.Cobra.Pages.Nom.br/> Página de Filosofia Contemporânea/ SARTRE – Os Pensadores. Acessada em dezembro de 2003.

MAGEE, Bryan. **História da Filosofia**. 3ª ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2002.

MONDIM, Batista. **Curso de filosofia: os filósofos do Ocidente**. 6ª ed. Vol. 3. São Paulo: Paulus, 1983.

PACKTER, Lucio. **Passeando pela Vida: Lições de Filosofia**. 18ª ed. Florianópolis, SC: Garapuvu, 1999.

REALI, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. Vol. III. 4ª ed. São Paulo: Paulus, 1991.

Bibliografia

conseqüentemente manifestar seu livre-arbítrio.

Jean-Paul Sartre, com os pés firmes certo, do que almejava, fez suas escolhas e correu em busca dos seus objetivos. Creio que através de seus escritos fica nítido que ele se realizou. Dono de um brilhantismo invejável por todos os escritores, conseguiu através de suas obras tornar-se imortal. Durante este tempo que pesquisei suas obras para desenvolver minha monografia tive o prazer de parar e perceber o quanto perdemos tempo acreditando que as pessoas nos ajudarão a mudar a nosso caminho. Isto é pura ilusão, devemos acreditar sempre mais em nós mesmos e termos certeza que podemos sempre mais do que conseguimos, pois temos opções de escolhas a todo tempo e podemos mudá-las a qualquer instante. Concordo com Sartre que o homem é o que ele quer ser.

Porém acredito que Deus existe e que ele nos serve de sustentáculo para acreditarmos mais em nós mesmos e prova de sua existência é o universo com tudo que o compõe, pois como dizia Aristóteles não há causa sem efeito, então concluo que existe um ser superior que deu origem a todas as coisas e este ser é Deus. E acreditando em Deus, acredito também que a liberdade existe e que foi dada por Ele. Porém, não vejo a liberdade como absoluta, só sou livre a partir do momento em que me reconheço como responsável, quando não necessito mais dos cuidados de alguém e sei quando preciso obedecer a ordens ou não, é também o momento que adquiro maturidade suficiente para assumir as conseqüências de meus atos. Deus nos criou para sermos livres e é no exercício desta liberdade que desenvolvemos nossas potencialidades, a fim de construirmos o mundo que desejamos, conquistando um espaço individual para cada um que compreende a responsabilidade de procurar acertar nas suas escolhas, respeitando os anseios e direitos alheios.

Sartre era existencialista ateu, colocando o homem no centro do universo. Parte da liberdade para escrever suas obras, procurando mostrar de que é composto o homem e falando da consciência humana e a sua função no mundo que o torna superior aos outros seres. Ela torna o homem capaz de agir e modificar o mundo a sua volta, a iniciar de si próprio. Surgindo ao mesmo tempo em que o ser a consciência necessita do corpo para manifestar sua existência. Para Sartre o que mantém a consciência é a certeza de que o ser existe neste exato momento e lugar e assim, tudo que o homem faz passa antes pela consciência. O homem é um eterno fazer-se e este só vai se completando na medida que toma consciência de suas potencialidades.

Tudo que acontece no mundo faz parte do absurdo que é a vida, onde os fatos acontecem pelo acaso, tornando a existência sem sentido. Isto por nossa culpa, pois de certa forma, somos responsáveis pelo que acontece a nossa volta, a crise, a guerra, a evolução rápida das tecnologias, tudo é resultado de nossa liberdade, ou seja, de nossas ações, pois a liberdade é expressa através de nossas escolhas, porque somos livres e assim somos à medida de nossas ações, podendo agir mediante nossas escolhas e quem encontra desculpas para suas ações, dizendo que não tem opções, colocando culpa nas leis vigentes do estado ou nas regras de condutas de uma determinada sociedade, está se escravizando, agindo de má-fé, segundo Sartre, pois para ele quando nós damos conta disso, que somos escravos da liberdade, o que surge é uma angústia. Angústia por sabermos que temos infinitos caminhos, mesmo quando escolhemos um apenas. Independente do que está acontecendo a nossa volta, do que estamos vivendo ou do nosso passado ou futuro, temos opções e podemos mudá-las a qualquer momento.

A liberdade é o destino do homem, a única condenação que ele não tem como fugir, pois vivemos para trilhar um caminho até a morte e até que esta chegue, se não for nos primeiros dias de vida, somos obrigados a agir e para isso temos que escolher, assim manifestando nossa liberdade. Então, ação e escolha são duas coisas que levam o homem a se definir, a conquistar seus objetivos e

Conclusão

arquitetando o meu futuro em alicerce do meu presente.

“O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade humana a fazer-se em vez de ser”.⁴ Assim, o homem que busca a liberdade só a encontrará a partir do momento em que ele procurar fazer-se, projetar-se no mínimo detalhe, pois o homem só é livre se o for por completo; ninguém é meio livre, nem meio preso.

Tudo que me é conferido é de fato por minha escolha, pois aceito algo se quiser, em todos os acontecimentos, ainda tenho uma escolha: a morte, e só desta, quando chega o momento irremediável não tenho liberdade para fugir e ainda assim sou livre para morrer conformadamente ou contrariadamente, entretanto, muitos vêem a morte, como liberdade a escolhe e chega até a antecipá-la. A liberdade, ou seja, minha liberdade é minha, somente minha, eu a vejo e a encontro diferentemente do outro, pois algo que me aprisiona, pode perfeitamente libertar outrem.

Assim estamos no mundo e o escolhemos, mas só seremos capazes de vê-lo tal qual é, se o transcendermos em direção a nós mesmos, pois o vemos como nós mesmos. É o mundo chamado de em-si por Sartre, e este coloca a dificuldade de o vermos como é, porque temos dificuldade de transcendermos a nós mesmos e por isso ficamos presos a nós. O para-si, consciência, é igualmente escolha, ou seja, uma só coisa, consciência é escolha e vice-versa. Portanto, “é preciso ser consciente para escolher, e é preciso escolher para ser consciente. Escolha e consciência são uma só e mesma coisa.”⁵

Enfim, a liberdade não tem normas, ela não dita regras, ou tem limites, o limite de minha liberdade é ela mesma, sou um projeto de mim mesmo e minha ação pode se desenvolver livremente à medida de minhas escolhas, constantemente renovadas.

4. SARTRE, Jean-Paul. *Op. Cit.*; p. 545

5. *Idem*, p. 569.

um individualmente tem as suas escolhas, as suas necessidades e de forma clara a sua essência, de maneira alguma posso experimentar os mesmos sentimentos e dizer que sei o que o outro está sentindo, pois minha experiência com as paixões, dores ou outros sentimentos jamais são iguais a de outra pessoa. Eu sinto algo e só eu sei o que sinto, mais ninguém. Assim a liberdade torna-se individual em todos os momentos da vida.

Sartre formula a seguinte frase: “estou condenado a ser livre”. Pois para ele não encontraria outros limites à minha liberdade, além da própria liberdade, ou seja, somos livres para não deixar de ser livres. E à medida que se tenta negar-se a reconhecer a liberdade, se coloca a liberdade em risco. E quando Sartre fala da liberdade como uma condenação, ele vê esta como um leque de possibilidades que nos leva a escolher e assumir a consequência de nossos próprios atos. Este ser livre não é aquele que faz tudo sem pensar, desregradamente, mas aquele que opina por algo, e que sabe que tem que encarar o resultado da ação e que às vezes assume o complexo de inferioridade. Este que está em presença do outro. Sabe que não está sozinho, e é justamente na presença do outro que é concebido este complexo de inferioridade, reflexo de minhas escolhas mal-sucedidas e como qualquer ação com uma consequência. Levando-nos a nos ver num caminho estreito sem muitas possibilidades futuras. Sendo tudo isto, por antecipação, por levar em consideração o que os outros apresentam aos meus empreendimentos. “Assim, o complexo de inferioridade é projeto livre e global de mim mesmo enquanto inferior frente ao outro, é a maneira com que escolho assumir meu ser-para-outro, esse escândalo insuportável”³. Insuportável, pois se sou um projeto que eu mesmo crio, devo viver no mundo e estar fora dele, ou seja, não deixar que o mundo me transforme ou influencie as minhas escolhas (embora isto já tenha sido falado, é usado aqui só para melhor esclarecimento). O mundo não pode tirar a minha liberdade, mesmo aprisionado, tenho a razão e posso perfeitamente me debruçar sobre ela,

3. SARTRE, Jean-Paul. Op. Cit., p. 567.

Jean-Paul Sartre coloca motivo como a captação objetiva de uma situação intencional determinada, na medida em que esta situação se revela, à luz de certo fim, como apta a servir de meio para alcançar este fim. É utilizado mais pelo historiador do que pelo psicólogo, logo o historiador só fará uso dos móveis em última instância, e ao contrário, o psicólogo terá preferência ao uso dos móveis para explicar fatos acontecidos. Isto acontece por ser o móbil considerado um fato subjetivo, pois é ele o conjunto das emoções, paixões e desejos que impedem a execução de certo ato. Então a explicação será feita subjetivamente, procurando no estado psíquico a justificação. Entendemos que se é subjetivo não pode ser igual em todas as pessoas, irá sempre variar de uma pessoa para outra e um ato racional não pode ser explicado utilizando os móveis, pois quem age racionalmente não se deixa guiar pelas paixões, desejos ou emoções.

Entende-se que não seja possível encontrar um ato sem móbil, este é parte inseparável do ato. “Porque, uma vez que o projeto já resolvido rumo a uma mudança não se distingue do ato é em um único surgimento que se constituem móveis, ato e fim”.² Sendo que fins e móveis são decididos pelo ato e este é manifestação da liberdade. Com isto, Sartre quer que entendamos que somos um projeto que nós mesmos desenvolvemos. Podemos viver no mundo e escolher o que queremos ser, não precisamos ser influenciados por ele, podemos nos definir. Temos o livre-arbítrio para escolher o que queremos. Basta fazer a escolha, ter um objetivo e colocar em prática a nossa vontade, mesmo que não consigamos realizar o almejado, lutamos utilizando a nossa liberdade no momento em que fizemos a nossa escolha. E ela está presente no ato, é através deste que a alcançamos, pois a liberdade com os móveis, os fins e motivos organizam o ato.

Não há como discordar de Jean-Paul Sartre quando escreve que a liberdade não tem essência e que ela não pode ser conceituada, pois ele não errou em afirmar que a minha liberdade não pode ser a liberdade do outro, se cada

2. SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002 p.541.

É comum e bastante compreensível ouvir questionamentos sobre as ações do homem. E há aqueles que tentam responder, porém, não sabem nem mesmo o significado da palavra ação ou quando realmente aconteceu o ato como ação.

Bem, é necessário, que se entenda quando há ação, segundo Sartre Agir é modificar a figura do mundo, é dispor de meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda a série e, para finalizar, produza um resultado previsto.

Assim, uma ação é por início intencional, e todo aquele que age, premedita, mesmo que pressionado por alguma força ou por livre escolha. Então, algo que acontece por acidente não teve ação do sujeito, ou seja, se alguém acidentalmente faz com que uma plantação inteira se queime, não agiu, pois não teve a intenção de tal ato. Mas em oposição, mesmo que tenha recebido ordens, alguém que coloque fogo em uma extensa lavoura (ou mesmo pequena - não importa o tamanho), agiu, pois estava consciente de seu ato.

Pode-se perceber, que quando houve consciência, houve escolha, e quando houve escolha, a liberdade se fez presença. Não tendo senão a escolha de aceitar que o estado imprescindível de qualquer ação é a liberdade do ser que está atuando. Confirma esta frase: "O para-si, não é apenas consciência do objeto; é ação, ação sobre as coisas, ação e reação diante dos outros; ora, a condição do agir é a liberdade."¹

Sendo toda ação intencional, deve levar a um fim e este se submete a um motivo.

Sartre procura explicar o que leva uma pessoa a fazer tal ato, utilizando as palavras motivos e móbil. Não há como falar de um ato sem falar de sua estrutura intencional: o motivo.

1. ROVICH, Sofia Vanni. *História da Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Edições Loyola, 2001 p. 411.

Capítulo III – Liberdade, ação e escolha

serei eu o único responsável por ela”.⁴

Devo também pensar na liberdade frente aos outros, em compromisso com os outros, não como definição do homem, mas desde que busco a minha liberdade, devo aspirar também a liberdade alheia. Não há como ser livre se todos que convivem comigo também não forem livres. Pois a liberdade para mim não termina onde começa a do outro, mas ambas começam juntas e, uma complementando a outra, podendo crescer infinitamente.

Desde que existo, posso movimentar, buscar o que me satisfaz, relacionar-me com as pessoas, num constante conflito ou não, tudo vai depender de como me posiciono no mundo: se sei que sou livre e que todos têm direito à liberdade, então serei responsável ao fazer minhas escolhas, para que não venham prejudicar a pessoa do outro. Mesmo reconhecendo que este é tão livre quanto eu, não deixo de vê-lo como um inferno – segundo Sartre “o meu inferno são os outros” –, pois sempre terei que pensar neles. Melhor dizendo, reconhecendo que o outro tem tantos direitos quanto eu, ele se torna para mim uma pedra que sempre estará no meu caminho, às vezes me promovendo e outras me prejudicando, então minhas escolhas sempre serão feitas frente ao outro não tendo como negar a sua existência.

4. SARTRE, J. P.; Apud MONDIM. Op. Cit., p. 202.

mim ou pode sentir o que sinto. Também não posso atribuir minhas falhas a hereditariedade ou ação do meio ambiente. Só não sou responsável por minha responsabilidade, ou seja, vim ao mundo para ser responsável, mas não sou fundamento do meu ser, não fui eu que escolhi ser livre e responsável, pois esta é a única predestinação que meu ser não tem como fugir.

A minha liberdade é a minha exuberância de ser, a modificação do não sentido em sentido. A liberdade é a manifestação criadora do existente e não simples escolha dentre várias possibilidades. Eu existo para superar a existência em direção à impossível essência, para manifestar meu eu que se encontra jogado no mundo, e não para esconder-me nas mentiras, criando um mundo imaginário, criando ilusões de que tudo não passa de predestinação. Isto é impossível, não há como prever o futuro, pois nós somos a incerteza, certo é aceitar que tudo muda. Somos a nossa história presente, nós fazemos a nossa história.

Aceitar a condição de nossa liberdade é aceitar os obstáculos e procurar desenvolver a nossa capacidade de superá-los, de dominá-los, pois através deles é que buscamos o nosso crescimento e nos afirmamos como sujeitos da nossa história.

“Tudo que acontece no mundo remonta à liberdade e à responsabilidade da escolha originária; por isso nada do que acontece ao homem pode ser tachado de inumano”.³

“As mais atrozes situações de guerras, as piores torturas não chegam a criar nenhum estado de coisas inumanas. Não existe situação inumana: é somente pelo medo, pela fuga ou pelo recurso a comportamentos mágicos que eu decidirei sobre o que é inumano; mas esta decisão é humana, e

3. MONDIM, Batista.op. cit., p. 202.

tempo, sem cessar. Lutando contra esta é que aceitamos a nossa condição como ser livre.

Negar a liberdade é, aos olhos de Sartre, uma tomada de posição covarde, a fim de fugir da angústia da escolha, e achar o repouso e a segurança na confortável ilusão de ser uma essência acabada.

A liberdade do homem é incondicional, é ele que escolhe, que recria o seu projeto fundamental, podendo mudá-lo a qualquer momento, ou seja, tudo que fazemos, fazemos porque somos livres e podemos modificar sempre o resultado de nossas ações. “A liberdade defendida por Sartre é uma liberdade absoluta e a responsabilidade que, conseqüentemente, ele atribui ao homem é total”.²

Ser livre não quer dizer apenas fazer uma escolha, mas somente pode-se considerar a escolha livre, se acaso pudesse ser outra. Se tivesse mais de uma escolha. Se opino por algo e outros não concordam, porém, não podem recriminar meu comportamento, pois ele foi movido pela minha livre escolha.

Desde que existo, sou eu o responsável por meu projeto, tudo que me acontece é por conseqüência de meus atos, vim ao mundo para transformá-lo. Tudo isso é direcionado a mim, porque estou condenado a ser livre. Estou abandonado neste mundo, diz Sartre, pois para ele Deus não existe e se existe não podemos saber. Porém, se realmente Deus existe, nós não estamos abandonados. A questão colocada sobre o abandono é levantada meramente do fato de não podermos saber se Deus existe. Não há como fugir, posso até tentar, mas jamais conseguirei, mesmo que eu viva de mentiras, não há como escapar desta realidade. Tudo que acontece comigo, é porque eu permiti, não há como acontecer com outro, se as ações forem minhas. Portanto, não adianta queixar, chorar, pois o que determina o que sinto ou o que faço sou eu e não outro.

Quando tenho responsabilidade é que sou livre. Não posso transferir a responsabilidade do que acontece comigo a ninguém, pois ninguém age por

2. REALE, Giovanni. Op. Cit., p. 611.

Sartre prefere afirmar que aquilo que constitui a essência do homem é a liberdade, a dizer que o homem tem essência e que esta poderia ser a liberdade. A personalidade, com todas as características da existência individual é produzida pela liberdade, na qual é necessário, portanto, fazer consistir o constitutivo fundamental do ser do homem. Nesse sentido, a liberdade não tem limites. Ela é o próprio fundamento do ser do homem, está na raiz de seu comportamento, porque sempre temos de optar. Sendo nesse sentido, o homem essencialmente livre.

Ele nega que haja uma natureza humana, algo que seja comum a todos os seres humanos, o indivíduo deve criar sua própria essência, porque ele é o seu próprio demiurgo, nenhum Deus criou homens de acordo com uma regra, um projeto divino definido, pronto e acabado, você é o que você faz de você mesmo.

Não há como deixar de ser livre, aquele que nega a liberdade, procurando desculpas, está agindo de má-fé. Agir de má-fé é apresentar o que deseja como inevitável (necessidade determinada, sem volta), uma mentira para si mesmo, pois essa liberdade, é experimentada na angústia, é quando a consciência é “tomada de vertigem diante de si mesma e seus infinitos poderes”.¹ É agindo de má-fé que luto contra a angústia, pois a angústia é o estado em que encontra a nossa consciência, quando nos damos conta de que somos responsáveis pelo que acontece com a gente (quando tomamos consciência do nosso livre-arbítrio) e não há outro meio a não ser escolher e lutar para modificar o nosso projeto, ou seja, a nossa história, porque não podemos confiar em alguém ou em alguma coisa para justificar nossa ação ou para nos dizer quem ou o que somos. Então procuramos esconder nossa liberdade, dizendo que, o que acontece conosco já estava determinado desde que nascemos. Assim, agimos de má-fé e esta ameaça a consciência a todo

RUSS, Jaqueline. *Dicionário de filosofia*. São Paulo; Scipione, 1994. p. 367

Capítulo II – A Liberdade como essência do homem

“O mundo não é a consciência. A consciência é abertura para o mundo; a consciência está encarnada na densa realidade do universo; o mundo pode ser visto como um conjunto de utensílios. Mas o mundo não é a existência. E, quando o homem não tem mais objetivos, o mundo fica desprovido de sentido.”²

Por causa da consciência todos os outros seres tornam-se subordinados ao homem, pois através desta, ele poderá transformar tudo no mundo. Sendo, sem dúvida, o que o homem tem de melhor, portanto, cabe a ele saber usá-la.

Sobressai aquele que age consciente de seus atos, confiante de seu poder de conquista e, não aquele que ignora seu potencial. À medida que o tempo passa, a história se evolui, surgem novas tecnologias, novas descobertas científicas e assim o mundo vai se transformando. Esta transformação se dá pelas mãos humanas, por ser o homem dotado desta capacidade de dominar tudo a sua volta, através da modalidade pensante restringida somente a ele. Ele é o centro, o restante não passa de objetos de sua manipulação.

2. REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Do Romantismo até nossos dias**. Vol. III. 4ª ed. São Paulo; Paulus, 1991. p.606.

Mas nem por isso, pela sua força, a consciência existe sem o ser, pois ela necessita do homem para manifestar-se (o corpo é a condição da consciência como consciência do mundo, quando fundamento desta enquanto liberdade). A sua importância é inquestionável e mesmo sendo tão importante e inseparável do ser, em momento algum Jean-Paul Sartre a coloca como essência do homem.

O para-si (consciência), assim denominada por Sartre, é, pois a naturalidade livre e racional que dá ao homem a capacidade de escolher, de determinar e agir conforme a liberdade, ao dever e aos direitos alheios.

É o homem livre e responsável. Tem a função de agir, compreendendo sua existência (situação e condição física, mental, cultural, histórica e social). Ou seja, a consciência é uma reflexão; um conhecimento das coisas e de si mesmo. É através dela que o homem se faz homem, pode traçar um objetivo e encontrar os meios para alcançar um fim. Isto esclarece porque o homem nada faria sem o para-si, sem ele não haveria como dizer o que seria o mundo. Tudo leva a crer que o ser humano seria só mais um animal selvagem, lutando pela sua sobrevivência com os outros seres, não haveria lei alguma, a não ser a lei da selva.

O homem torna-se livre à medida que faz uso da sua razão, como ser superior, que a consciência o torna, aos outros seres.

O homem que nega a sua liberdade está agindo de má-fé (este termo será melhor esclarecido no próximo capítulo), não está usando a sua consciência adequadamente, e assim, não conseguirá se transcender rumo ao desconhecido, pois a consciência não é pura consciência, mas consciência posicional do mundo, ou seja, de algo, de um objeto ou conceito. Nada existe antes de ser consciente, a consciência tem a tarefa de levar o homem a conhecer tudo a sua volta, a conceituar as coisas, guiando-o em direção ao desconhecido. Ela é, estruturalmente, intencional e, portando relação com o mundo.

Segundo Sartre o que mais diferencia o homem dos outros seres é a consciência, pois o ser humano é dotado desta capacidade pensante, ao passo que os outros seres não o são, pois é pela consciência que o homem tudo faz, constituindo-se livremente.

A consciência não é modalidade restrita do pensamento, mas manifestação do existente, do ser que está integrado no mundo; é ato exterior de si, evidenciado através de suas ações, pois no momento em que age, o homem expõe sua vontade, manifestando sua existência. Assim, sendo, ela (a consciência) pode realizar a ação, portanto, só o homem pode ser responsabilizado por seus atos, pois só ele tem a consciência que o torna capaz de criar valores (estes não existem por si só, são criações do homem), e conseqüentemente, julgar o que é certo e errado, próprio e impróprio, feio e bonito e assim sucessivamente.

A consciência e o ser surgem juntos; não havendo superioridade de um sobre o outro e não podendo existir separadamente, sem ela o homem seria um animal como outro qualquer. Esta relação forma um conjunto, uma dupla imanente, porém, consciência e ser são inimigos mortais. O triunfo de um é a morte do outro. Para viver, a consciência tem necessidade de devorar o ser, e, assim o ser humano é desvendado. Algumas atividades da consciência confirmam esta tese de Sartre: a) o desejar algo, anula, é uma falta de ser, pois o desejar é uma deficiência do ser que deseja, que necessita de uma complementação; b) o projetar-se nos possíveis, o possível é uma deficiência, pois é o que falta ao sujeito para estar completo; c) afirmar o valor de alguma coisa, o valor sempre está além daquilo que existe: "O fundamento daqueles atos ou aquelas situações tendem para ele, mas nos quais ele, como valor, não está".¹ ; d) reconhecer a existência dos outros, está negando a si, para reconhecer o ser do outro, no momento em que reconhece o ser do outro, esquece de si mesmo.

1. MONDIN, Batista. **Curso de filosofia: os filósofos do Ocidente.** 6ª ed. Vol.3 São Paulo: Paulus, 1983 p. 199.

Capítulo I – O homem: a consciência e outros seres

indecisões e que por isso se recorre à busca de justificativas para suas ações, fugindo da responsabilidade de escolher seu caminho, um ser desorganizado que dentre tantos, poucos são autênticos, será por isso que Jean-Paul Sartre coloca na ação e na escolha o único meio seguro que o homem tem para se encontrar no uso de seu exercício de liberdade? Veremos então que assim como todas as suas obras são um conjunto de esclarecimentos sobre a posição do homem como ser dotado de livre-arbítrio, sua justificativa neste terceiro capítulo será mais que um breve fechamento da relação ação e escolha em busca do nosso principal papel no mundo, que é o uso adequado da nossa condição como ser livre.

A presente monografia tem o objetivo de trabalhar a liberdade fundamentada em Jean-Paul Sartre, expondo os motivos que o levaram a acreditar que o homem está condenado a ser livre. O foco do trabalho é o homem, ser responsável por tudo que existe no mundo. É necessário falar da composição do homem para entender o que Sartre quer nos passar, por isso este trabalho foi dividido em três capítulos que abordaram a questão do homem como ser livre, que é a condição do ser.

No primeiro capítulo é demonstrado a função da consciência no homem, que é o que o distingue dos outros seres. Demonstrar a função da consciência no homem exige bastante clareza e ao mesmo tempo simplicidade, e então veremos o porquê. Pois é através da relação com o corpo que entenderemos seu papel para o ser humano e aqui é esclarecido como se dá a relação ser e consciência e porque esta precisa do corpo. Necessitando demonstrar qual a importância de um para o outro.

Em seguida é exposto o pensamento de Sartre sobre a liberdade que, a seu entender, é o que constitui a essência do homem, são levantadas algumas de suas idéias que justificam a sua maneira de ver o homem no mundo, como ele encontra desculpas para suas ações e porque busca estas desculpas. O que diz a respeito do homem como ser responsável – pela sua vida, os acontecimentos a sua volta, o destino do mundo e também frente ao outro, como agimos e porque agimos desta forma e não de outra. Será por medo e refúgio que inventamos desculpas para fugir da nossa responsabilidade de fazer-nos, em vez de simplesmente ser? Sartre afirma que temos medo de ser livres e vivemos procurando colocar a culpa em algo: Deus, acontecimentos históricos, fenômenos ambientais. O que pensa Sartre, se o homem é um ser dotado do livre-arbítrio?

O homem é uma mistura de medo, covardia, coragem, ambição, por isso muito indeciso, deixando na maioria das vezes que o complexo de inferioridade se sobressaia aos valores morais, impedindo-o de realizar-se como ser independente e livre, fazendo com que se encontre em um emaranhado de

Introdução

carreira de moda na Europa do pós-guerra. Nesse momento, ele desistiu de sua carreira acadêmica e tornou-se escritor em tempo integral. Sua companheira, Simone de Beauvoir, foi a primeira autora feminista de aclamação internacional com seu livro *O segundo sexo* (1949). Seus colaboradores íntimos incluíam o escritor Albert Camus, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura de 1957, e um refinado filósofo chamado Maurice Merleau-Ponty, com quem Sartre fundou o jornal *Lês Temps Modernes*. Sartre ficou profundamente envolvido na política esquerdista revolucionária, agindo freqüentemente como advogado ou apologista do comunismo. Autoproclamando-se agora materialista histórico começou a escrever uma obra de fôlego, *Crítica da razão dialética*, que visava reconciliar existencialismo e marxismo. Deixou inacabada, mas foi publicado um primeiro volume dela.

A história de Sartre como filósofo divide-se claramente em três fases distintas, cada uma das quais sob a pesada influência de um ou dois pensadores. Husserl domina a obra de seu primeiro período, que inclui *A náusea*, *O imaginário* e *Esboço para uma teoria das emoções* (1939). Heidegger domina o segundo, que foi o período mais influente do próprio Sartre, vendo a publicação de *O Ser e o Nada* (1943) e *O existencialismo é um humanismo* (1945). Vieram então Hegel e Marx para dominar o longo período final da produtividade de Sartre.

A contribuição pessoal mais significativa de Sartre, aquilo que se tornou mais conhecido em sua filosofia, foi o modo como dramatizou a liberdade do indivíduo. Num mundo sem Deus, dizia ele, não temos alternativa senão escolher, e neste sentido criar, nossos próprios valores.

Sartre foi não somente um pensador e escritor brilhante, mas também um dramaturgo romancista de fama internacional, algo que nenhum outro filósofo conseguiria: os que chegaram mais perto foram Rousseau, que escreveu dois romances de grande sucesso, e Camus, amigo de Sartre. Em 1964 Jean-Paul Sartre foi indicado para o Prêmio Nobel de Literatura, mas não o aceitou. Pode ser que sua fama como escritor sobreviva à sua fama como filósofo.

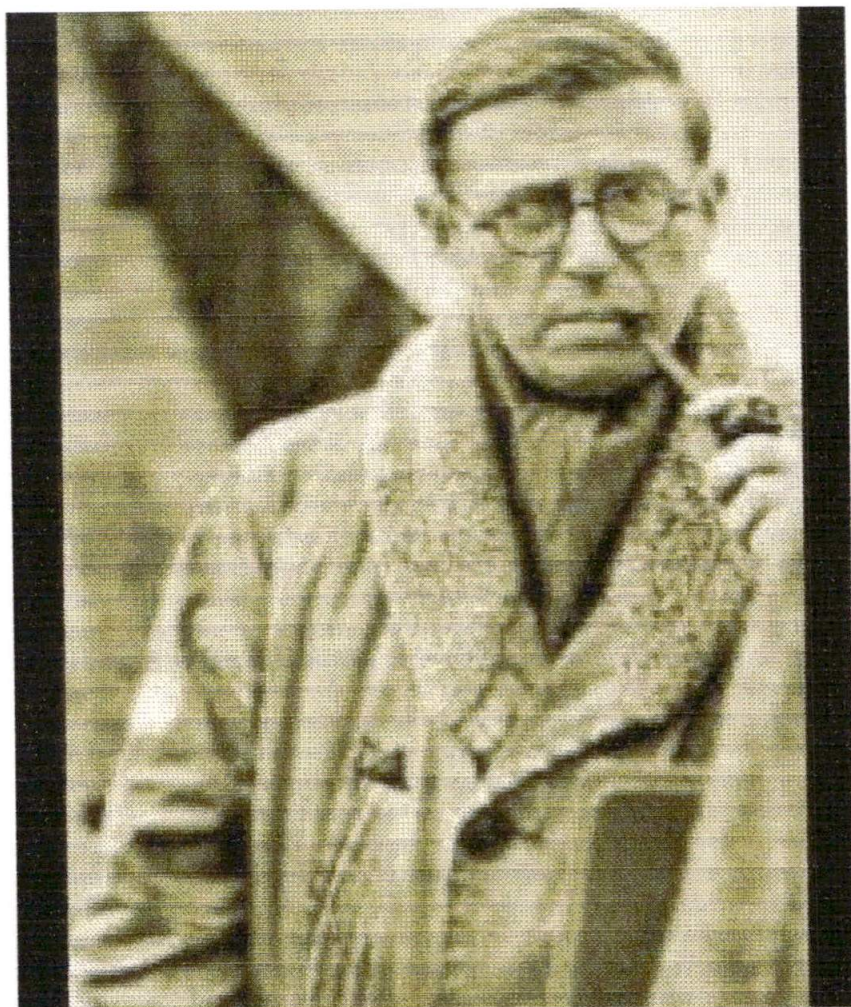
Sartre nasceu em Paris, no dia 21 de junho de 1905 e morreu na mesma cidade a 15/04/1980. O pai faleceu dois anos depois e a mãe, Anne-Marie Schweitzer, mudou-se para Meudon, nos arredores da capital, a fim de viver na casa de Charles Schweitzer, avô materno de Sartre.

Talvez a ausência da figura paterna em sua vida possa explicar por que Sartre se tornou um homem radicalmente livre. Dono de uma imaginação criativa, alimentada pela leitura precoce e intensiva: "... por ter descoberto o mundo através da linguagem, tomei durante tempo a linguagem pelo mundo. Existir era possuir uma marca registrada, alguma porta nas tábuas infinitas do Verbo; escrever era gravar nela seres novos foi a minha mais tenaz ilusão, colher as coisas vivas nas armadilhas das frases..." Como consequência, aos dez anos de idade quis tornar-se escritor e ganhou uma máquina de escrever. Seria seu instrumento de trabalho por toda a vida.

Chamou *As palavras* (1963) um volume autobiográfico sobre a sua infância. Não surpreende, talvez, que tenha se tornado professor de filosofia, *A náusea*, que é de fato um relato fenomenológico de uma mente em processo de desintegração. Em 1940 veio sua primeira obra importante de filosofia escrita. O título francês é *O imaginário*, mas uma tradução inglesa desavisada intitulou-o *A psicologia da imaginação*. A II Guerra Mundial mudou a vida de Sartre. Depois de alistar-se no exército francês, foi capturado e aprisionado pelos alemães. Na prisão estudou a filosofia de Heidegger e escreveu sua primeira peça. Ao ser solto, viveu na Paris ocupada, onde escreveu sua obra filosófica sobre "O existencialismo é um humanismo" lançou o existencialismo em sua lendária

Índice

Biografia de Jean-Paul Sartre	07
Introdução	10
Capítulo I – O homem: a consciência e outros seres	13
Capítulo II – A liberdade como essência do homem	17
Capítulo III – Liberdade, ação e escolha	22
Conclusão	27
Bibliografia	30



Jean-Paul Sartre

1905 -1980

Agradeço a Deus pelo seu amor e bondade infinita, ser supremo que me deu força suficiente para conquistar esta vitória, amigo de todas as horas. Agradeço também aos mestres, que não mediram esforços para ensinar-nos parte de suas ricas sabedorias. E quando deveriam ser simplesmente elo que nos ligariam ao conhecimento, foram muito mais, foram amigos incentivando-nos a seguir nossos caminhos.

Dedico este a todos aqueles que me apoiaram no decorrer desta caminhada, dando-me forças para seguir com segurança de que o retorno é certo. Em especial, dedico ao meu pai, que se encontra no repouso eterno, pois de maneira direta a filosofia me ensinou a conviver com a sua falta tão repentina e dolorosa, à minha mãe, por sempre apoiar-me nas decisões e ao meu marido e filha, por muitas vezes terem estado em segundo plano.

Sônia Maria de Oliveira Frota

Liberdade em Jean-Paul Sartre

Monografia defendida e aprovada, no dia 09 de dezembro de 2003,
pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

José João Neves L. Barbosa Vicente
Orientador

Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos
Professor

CESUR – CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE RUBIATABA
FACER – FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA
SÔNIA MARIA DE OLIVEIRA FROTA



LIBERDADE EM JEAN-PAUL SARTRE

Pesquisa apresentada a Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, como parte das exigências para conclusão do Curso de Filosofia e obtenção do título de Licenciatura Plena, sob a supervisão do professor José João N. L. Barbosa Vicente

5-30/727

Tombo nº 8438.....
Classif.:
Ex.: 1.....
.....
.....
.....
Origem: d.....
Data: 16.03.04.....

Rubiataba-GO – Dezembro/2003

CESUR – CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE RUBIATABA
FACER – FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

LIBERDADE EM JEAN-PAUL SARTRE

SÔNIA MARIA DE OLIVEIRA FROTA

Rubiataba-GO – Dezembro/2003